



CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE TEORIA E GEOGRAFIA NAS FACULDADES DE ARQUITETURA E URBANISMO

CONSIDERATIONS ON THE TEACHING OF THEORY AND GEOGRAPHY IN THE ARCHITECTURE AND URBANISM FACULTIES

Joel Outtes

GEST- Grupo de Estudos sobre Sociedades e Territórios

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Ignácio Montanha 86 / #302 CEP 90040-300 Porto Alegre-RS

email: Joel.outtes@ufrgs.br

Informações sobre o Artigo

Data de Recebimento:

10/2016

Data de Aprovação:

12/2016

Resumo

O ensaio discute como deve ser o ensino das disciplinas de teoria nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo arguindo e defendendo que para além de ensinar metodologia do projeto arquitetônico e/ou do desenho urbano e/ou do planejamento físico espacial, a teoria deve ser ensinada para entender, explicar e transformar através da ação política o espaço, o bairro, a cidade, a região e o mundo. De propostas de ensino que não correspondiam às ementas se caminhou em direção à introdução de textos realmente teóricos, objetivo das

disciplinas, ensinando-se não apenas metodologia do desenho urbano, tema cabível, mas também se avançando em direção à relação dialética entre fatores globais (economia, sociedade, cultura, política, demografia, tecnologia, meio ambiente) e produção do espaço. Isto é abordado no contexto da geografia histórica do capitalismo e de suas crises através dos ciclos de Kondratieff, empoderando o estudante a compreender o processo histórico-geográfico de produção do espaço, cidade e região, assim como a possibilidade de sua transformação através da prática política, em um movimento de constituição da cidadania. O argumento é exemplificado através da experiência de estruturação de duas disciplinas teóricas no curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos últimos dez anos: Práticas Sociais na Arquitetura e no Urbanismo no segundo semestre e Teorias sobre o Espaço Urbano no quinto semestre letivo

Palavras-chave: Ensino. Teorias. Urbanismo. Metodologia, Desenho Urbano.

Abstract

The essay discusses how the teaching of theoretical courses in the schools of architecture and planning should be arguing and defending that beyond teaching methodology of architectural design and/or urban design and/or physical spatial planning, theory must be taught to understand, explain and transform space, the district, city, region and the world through political action. From teaching proposals that did not correspond to the syllabus, I opted for the introduction of really theoretical texts, objective of the courses, teaching not only methodology of urban design, but also the dialectical relationship between global factors (economics, society, culture, politics, demographics, technology, environment) and the production of space. This is approached in the context of the historical geography of capitalism and its crises through cycles of Kondratieff, empowering the student to understand the historical-geographical process of production of space, city and region, as well as the possibility of its transformation through political practice, in a movement of construction of citizenship. The argument is exemplified through the experience of teaching two theoretical courses in the school of architecture and planning of the Universidade Federal do Rio Grande do Sul in the last twelve years: social practices in architecture and planning in the second semester and theories on the urban space in the fifth semester.

Keywords: Teaching, theories, planning, methodology, urban design.

1. Introdução

Como deve ser o ensino de teoria nas faculdades de arquitetura e urbanismo? Alguns pensam que as disciplinas de teoria deveriam apenas e tão somente subsidiar as disciplinas de projeto, de desenho urbano, de design, de projeção. Nesta visão, as disciplinas de teoria deveriam se limitar apenas a ensinar a fazer projeto, a prover a metodologia do projeto arquitetônico e/ou do desenho urbano. No entanto, teoria é, no fundo, explicação, e há muitas outras coisas no conteúdo de um curso de arquitetura e urbanismo que precisam e devem ser explicadas além da metodologia do planejamento arquitetônico ou urbano-físico-espacial. No mais, a ementa das próprias disciplinas teóricas em algumas faculdades, como é o caso na Faculdade de Arquitetura (e de urbanismo posto que se ensina tal disciplina, se tem um departamento especificamente com este nome mas não consta tal designação no nome da Faculdade) da UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especifica conteúdos além da metodologia do projeto seja no nível do edifício seja na escala da cidade.

Vejamos o caso das duas disciplinas com as quais me encontro envolvido como docente desde pelo menos o segundo semestre de 2003, há quase dez anos portanto, ainda que durante dez meses e 22 dias eu tenha estado afastado destas disciplinas posto que estive de licença sem remuneração para assumir uma posição acadêmica temporária em uma Universidade dos Estados Unidos, onde estive também envolvido com disciplinas teóricas mas desta feita em Geografia. Não há espaço aqui nem é o objetivo deste escrito discutir esta última experiência. Na UFRGS, desde minha admissão em agosto de 2002 e após um breve período de três semestres em que estive envolvido com disciplinas de desenho urbano (urbanismo 01 e urbanismo 04 e posteriormente urbanismo 02, esta última concomitantemente às cadeiras de teoria), a Chefe do Departamento à época, Profa. Iára Regina Castello, me convidou a assumir as turmas B das disciplinas de Práticas Sociais na Arquitetura e no Urbanismo e de Teorias sobre o Espaço Urbano. Na UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dada a quantidade de alunos as disciplinas teóricas são em geral divididas em turmas de até 30 alunos no máximo, enquanto que as disciplinas “práticas” e/ou de projeto/desenho urbano são divididas em turmas de até 15 alunos podendo chegar a haver até quatro turmas de uma mesma disciplina de desenho urbano e/ou projeto arquitetônico A-B-C-D por semestre, cada uma sob a responsabilidade de um professor diferente. Muitas vezes os vários ateliês A-B-C-D ocorrem simultaneamente na mesma sala.

Esta minha movida de disciplinas de desenho urbano para disciplinas de teoria veio a solucionar um problema departamental que era a falta de investimento intelectual nestas disciplinas nas turmas B por parte dos e das colegas do Departamento, pois os mesmos e as mesmas já se encontravam lotados e lotadas em outras cadeiras e as turmas B terminavam ficando nas mãos de professores substitutos, que pela temporariedade do cargo (os contratos dos professores substitutos nas universidades federais no Brasil não podem exceder dois anos para

não criarem vínculo empregatício, o que de outra forma aconteceria obedecendo-se as leis trabalhistas do país) não faziam o necessário investimento intelectual e apenas “ministravam” as aulas “juntamente” com os professores das turmas A. Na verdade faziam numero em sala de aula posto que pela natureza da tradição e das relações de poder à época os professores substitutos e mesmo os permanentes responsáveis pelas turmas B com menos tempo de casa ficavam meio que à mercê da forma de ensinar dos professores das turmas A, turmas pelas quais ficam responsáveis em geral os professores mais antigos na instituição. Na minha percepção, tratava-se de uma tradição do Departamento e das características de uma certa ciosidade*/orgulho que os professores mais antigos tinham na condução de suas disciplinas, assim como também uma certa dificuldade de manter um diálogo mais franco e aberto com os docentes tanto permanentes quanto substitutos/temporários mais recentes sobre como ensinar de forma mais cooperativa/colaborativa.

A verdade é que os “novos entrantes” tinham pouco espaço para expressarem sua visão sobre como as disciplinas deveriam se desenvolver, o que para alguns, como era o meu caso, causava um certo desconforto posto que eu tinha uma visão bastante diversa de como tais ensinamentos deveriam ter lugar. Vejamos aqui inicialmente o que dizem as ementas das referidas disciplinas, ambas lotadas no Departamento de Urbanismo. Na disciplina de ARQ02020-Práticas Sociais na Arquitetura e no Urbanismo, a ementa precisa que a disciplina deve tratar do “Estudo das relações entre fenômenos sociais e configurações espaciais, enfocando o pensamento social clássico e contemporâneo em seus principais aspectos conceituais”. Esta cadeira foi criada com este nome para não ir parar no Departamento de Sociologia, pois na verdade o desejo das pessoas que fizeram a última reforma curricular que a criou, era de criar e criaram, mas com outro nome, uma disciplina de Sociologia da Arquitetura e do Urbanismo. Esta cadeira inclusive foi criada tendo em vista alocá-la para um colega sociólogo que é membro do Departamento e que passou a ministrá-la, sendo um de seus fundadores. Disse-me ele inclusive certa feita que a disciplina havia sido criada para ele.

Vale a pena aqui mencionar que quando ingressei nesta disciplina como professor da Turma B ministrando-a junto com o professor da Turma A nos marcos da tradição já mencionada, a disciplina se encontrava a meu ver completamente dissociada de sua ementa e de seus objetivos. O professor de então se interessava muito por habitação social tendo uma vasta experiência de projetos de construção de conjuntos habitacionais para a COHAB e Prefeitura de São Paulo em escritórios privados durante os anos 70 e 80, sendo talvez uma das pessoas no Brasil que mais metros quadrados de habitação popular projetou em todos os tempos. No entanto, após algumas aulas iniciais sobre revolução industrial e as origens da questão da habitação, a

* Vi que esta palavra não existe nos dicionários de Português, a exemplo do famoso Aurélio e do Dicionário Online de Português: <http://www.dicio.com.br/>, mas quero aqui então criar o neologismo posto que me refiro ao ato de ser cioso, ou seja, de ter ciúmes.

cadeira se direcionava para projetos de arquitetura de unidades habitacionais de baixa renda se afastando totalmente dos objetivos elencados na ementa como vimos anteriormente.

Ressalto aqui que faz-se necessário uma cadeira com tal objetivo, habitação social, na Faculdade, mas a disciplina de Práticas não é o local para tal empreitada se a ementa for seguida. Eu mesmo incorri no que considero hoje um erro por alguns semestres. Logo que a disciplina foi dividida em duas turmas por iniciativa do referido colega, o que foi muito positivo, pois tal divisão me proporcionou finalmente a chance de formatar a disciplina “à minha imagem e semelhança”, resolvi que a disciplina deveria obrigatoriamente ampliar o seu escopo teórico mas mantive um módulo de habitação popular. Como a disciplina é a primeira que os estudantes têm sobre urbanismo e sobre a cidade, me pareceu e me parece que a disciplina deveria ser uma disciplina de introdução aos problemas urbanos. A outra disciplina que abordaremos em nosso relato é TEU- Teorias sobre o Espaço Urbano ministrada no quinto semestre da graduação em Arquitetura e Urbanismo.

2. Criando um “survey” de estudos urbanos na UFRGS e alfabetizando em urbanismo: Aprendendo o ABC do desenvolvimento urbano

Para a criação de uma disciplina de introdução aos estudos urbanos, dada minha experiência no mundo acadêmico Anglo-Saxão, me inspirei no survey dos Norte-Americanos, uma cadeira onde se dá uma visão geral sobre um determinado assunto. Neste afã comecei a pesquisar que tipo de literatura seria mais adequada para tal empreitada. Foi quando me deparei com o livro de Marcelo Lopes de Souza, Professor do Departamento de Geografia da UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro: ABC do Desenvolvimento Urbano (daqui em diante ABCDU) (Souza, 2003). Este texto me caiu como uma luva. Em cerca de 150 páginas o autor vai das definições até reforma urbana passando pelo Estatuto da Cidade e seus instrumentos e obstáculos.

Parece-me que é exatamente um texto desta natureza que os alunos devem ler em uma cadeira teórica de introdução ao urbanismo. Eu digo inclusive, brincando com meus alunos, que como é um curso de iniciação, de catecismo, de catequese, de alfabetização urbanística, nada mais justo do que ler o abecedário, aprender o ABC e até mesmo o D. E o livro é exatamente ABC do D de Desenvolvimento Urbano! A adoção deste livro tem sido um grande sucesso. É uma leitura fácil, fluída, contagiante. Logo que dividimos as turmas e fiz esta modificação inicial mantive o módulo sobre habitação popular. Já desde a época em que as turmas A e B eram juntas, o professor anterior tinha uns projetos de extensão sobre regularização fundiária e levava os estudantes em uma saída de campo para as áreas em que trabalhava para passar uns questionários socioeconômicos e de situação físico-espacial e construtiva das moradias, muitas delas barracos. No decorrer desta fase fui me interessando por cooperativas habitacionais, as

quais me parecem existir em relativa abundância na Região Metropolitana de Porto Alegre, especialmente se comparo com a outra cidade com a qual tenho maior experiência urbana entre as algumas em que vivi e trabalhei: Recife.

Fiz um levantamento das cooperativas habitacionais existentes na RMPA-Região Metropolitana de Porto Alegre, suas características, número de unidades habitacionais e nível/fase de desenvolvimento de cada uma delas e saí a visitar as mesmas para identificar em que sítio/s iríamos desenvolver o nosso módulo de habitação popular. Incorri neste suposto exercício de “demagogia arquitetônico-urbanística” na medida em que os estudantes adoravam esta parte do curso. Não que não gostassem do livro, mas gostavam muito desta parte da disciplina posto que, em estando ainda no segundo semestre da graduação, já estavam propondo soluções para problemas sociais e habitacionais. O exercício consistia em propor uma unidade habitacional mínima e barata que pudesse ir crescendo e/ou se expandindo com o tempo. A ideia é que o morador, e isso os questionários mostravam um pouco, era um imigrante que vinha para a RMPA em busca de emprego e com o tempo ia trazendo os familiares e conhecidos e/ou constituindo família de forma que a habitação necessitava se expandir para abrigar toda esta família estendida. A habitação deveria também idealmente funcionar como fonte de renda, ou seja, cômodos poderiam ou deveriam ser construídos com a expansão da casa para aluguel.

3. Das unidades habitacionais à condição pós-moderna

Os estudantes adoravam meus assessoramentos sobre noções de conforto ambiental, lógica construtiva, construção modular para racionalizar e baratear a construção e expansão da casa e coisas do tipo. Mas como mencionei, ainda que a Faculdade necessite disponibilizar uma disciplina com tal conteúdo, a disciplina de PSAU não deve ser o lócus para isto, basta ler a ementa. Com o tempo retirei este módulo e introduzi mais leituras e mais teoria/s. O desafio agora passou a ser encontrar outros textos tão bons quanto o ABCDU. Inicialmente adotei como segundo texto *Condição Pós-Moderna* de David Harvey (Harvey, 1989). Adoro a obra de Harvey, fui orientando dele na University of Oxford no meu DPhil (Doutorado) na Inglaterra, junto com o Prof. Colin Clarke (especialista na América Latina e Caribe); mantenho cordiais relações com ele desde então, procuro na medida do possível ser um seguidor de sua obra e tenho-o como um role model, um intelectual modelo. Adotei partes da *Condição Pós-Moderna* como sendo o segundo texto.

Vale aqui mencionar que peço aos meus alunos para que leiam os textos e provem que leram. Isto é feito através de resenhas, resumos/comentários sobre as leituras que são entregues a cada aula, cujo conteúdo é uma discussão dos capítulos, passagens e/ou trechos lidos, desempenhando eu o papel de animador do debate. Em uma primeira versão desta fase do curso, além das resenhas diárias desta parte do curso, havia duas provas, uma no meio do curso e outra

no fim do mesmo. A disciplina acontece em 18 encontros por semestre um em cada semana posto que na UFRGS o semestre letivo tem 19 semanas mas uma semana é dedicada às atividades estudantis, a Semana Acadêmica, onde se sugere que os professores liberem os estudantes para participarem destas atividades organizadas pelo Centro Acadêmico, ainda que uma minoria realmente participe e a maioria utilize este “break” (intervalo) para colocar os trabalhos atrasados em dia, isto quando não tem feriados no único dia semanal em que há aula da disciplina (encontros semanais de 100 minutos).

Com o amadurecimento da disciplina, passou-se a ter uma aula de introdução, duas aulas de provas e 15 aulas de discussão das leituras com entregas das resenhas. Quatro destas aulas são dedicadas à leitura e discussão de ABCDU com discussões de três dos doze capítulos por aula, cerca de 35 páginas por aula/semana. Nas onze aulas restantes discutíamos A Condição Pós-Moderna e sempre dou algumas aulas de contextualização posto que no decorrer do curso eu sentia que os estudantes ficavam muito defasados com a entrega das resenhas, ficavam “devendo” resenhas, não conseguiam entregar todas as resenhas em dia. Estas aulas de contextualização inicialmente criavam uma lacuna que permitia aos estudantes catch-up (se atualizar) com as dívidas das resenhas pelo menos até o fim do semestre pois como geralmente as outras disciplinas têm mais encontros semanais os cursos terminam antes da/s última/s semana/s de aula e os estudantes aproveitam então as últimas semanas do semestre para supostamente ler o que ainda não leram e fazer as resenhas que ainda não fizeram.

4. Da condição pós-moderna ao desafio metropolitano e fobópole

Com o tempo introduzi outras modificações na disciplina, dispensei as provas, ganhando mais dois encontros para leituras, discussões e resenhas, já que a carga horária é pequena, trata-se de uma disciplina de dois créditos apenas. No decorrer do tempo fiz novas modificações, substituí Condição Pós-Moderna, considerado por alguns como um livro difícil para alunos do segundo semestre (um colega me informou que até alunos da pós-graduação não estão conseguindo digerir bem o livro, enquanto alguns estudantes da graduação o entendem completa e perfeitamente) por outro livro de Marcelo Lopes de Souza, O desafio metropolitano, um estudo dos problemas urbanos nas regiões metropolitanas de quatro cidades, Rio de Janeiro e São Paulo que são as maiores cidades do país então é meio que obrigatório estudá-las, e uma cidade em uma região relativamente rica, Curitiba, até para desmistificar a visão da cidade perfeita e sem problemas que muitos têm desta; e outra cidade cheia de problemas e em uma região relativamente pobre como é o caso de Recife no Nordeste (Souza, 1999 [2005]).

Este também é um texto muito bom que deu muito certo por uns dois semestres, mas como a questão do domínio de regiões da cidade por grupos criminosos, a territorialização do comércio de varejo das drogas é um tema recorrente na narrativa e um grande problema nas cidades Brasileiras, cheguei também a usar do mesmo Marcelo Lopes de Souza o seu texto

Fobópole: O medo generalizado e a militarização da questão urbana (Souza, 2008). Obviamente que tais escolhas trouxeram a desvantagem da literatura ter ficado excessivamente centrada em apenas um autor e com o tempo resolvi corrigir também este problema.

5. De fobópole às cidades do amanhã

Em versões mais recentes da disciplina, que chegaram a durar quatro semestres, substituí o segundo livro de Marcelo Lopes de Souza por Cidades do Amanhã do Peter Hall (Hall, 1998a [2011], 1988b [1990]), Geógrafo e planejador urbano Britânico de grande produtividade e uma obra de grande fôlego e excelente capacidade de síntese. Infelizmente o seu *Cities in Civilization* (Hall, 1998c) ainda não foi vertido para o Português pois seria uma boa experiência adotá-lo como segundo livro. No caso deste segundo livro não há tempo para lê-lo todo portanto o mesmo é discutido em trechos de 35 páginas até onde é possível e fica a sugestão de que os estudantes que tiverem interesse leiam o resto do livro durante as férias pois afinal cada um é também responsável pela sua própria educação, isto não é tarefa apenas do professor. Mais recentemente ainda, nas últimas versões da disciplina, primeiro desloquei as aulas de contextualização para o início do curso, onde trabalhamos os conceitos de teoria, espaço, geografia (posto que sociologia da arquitetura e do urbanismo é geografia), geografia crítica, as ideias de Henri Lefebvre, perspectiva global; o papel da economia, demografia, tecnologia, sociedade, política, cultura e meio ambiente na produção do espaço, ciclos de Kondratieff (business cycles ou ciclos de inovação) e sua relação com a economia, espaço, cultura e política, e ai sim, na minha visão, chegando-se a este tema os alunos estão prontos para começar as leituras de forma mais crítica, fazerem as resenhas, participarem das discussões, etc.

Na última versão do curso neste último semestre, depois de voltar inspirado do último ENANPUR-Encontro Nacional da ANPUR-Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (realizado em Recife em maio de 2013), depois de assistir a vários debates interessantes sobre desenvolvimento regional, me ocorreu a ideia que como a disciplina é uma disciplina de introdução, e como discutimos a questão da multi-escalaridade nas aulas de contextualização e também em ABCDU, seria muito desejável introduzir esta dimensão da região nas discussões. Foi o que fiz, de Recife mesmo em plena Semana Acadêmica me deu um estalo e enviei um email para todos os estudantes do curso perguntando se eles já haviam comprado ou fotocopiado o livro de Peter Hall (Hall 1998a [2011]) e se haveria problema se eu mudasse a bibliografia substituindo o segundo livro. Sempre que possível procuro fazer as modificações curriculares em parceria com os discentes. Não houve oposição, de uma turma de cerca de 35 os cerca de sete que responderam o email foram todos a favor e mudei a bibliografia.

6. Das cidades do amanhã à diversificação: Metrópoles e regiões em uma perspectiva crítica

Cidade e aglomeração urbana, região metropolitana, metrópole, megalópole, megacidades, cidades globais e edge cities (cidades no limite/na fronteira) já havíamos discutido em ABCDU. Os alunos já conheciam isso. A própria questão das regiões seja no interior dos países, seja como regiões constituídas por países, havia sido comentada em passagens nas aulas de contextualização e na discussão de ABCDU. Os textos escolhidos aprofundavam esta discussão e ilustravam empiricamente com outros exemplos. Isto me custou um esforço imenso de tardes inteiras em bibliotecas e bases de dados eletrônicas em busca de bibliografia, mas consegui o que queria. Ainda que no próximo semestre eu talvez inverta a ordem das apresentações e talvez ainda substitua um texto ou outro caso ache coisas melhores, fiz uma aula discutindo o texto de Nabil Bonduki disponível em seu site de vereador e posteriormente publicado na revista Estudos Avançados do Instituto de Estudos Avançados da USP, sobre como fazer com que São Paulo se torne mais sustentável (Bonduki, 2011ab). Isto foi acompanhado ainda na mesma aula de um texto de Sandra Lencioni sobre a cidade-região de São Paulo e sua desindustrialização/reestruturação: As metamorfoses de São Paulo, publicado na Revista do Departamento de Geografia da USP (Lencioni, 2011).

Como o leitor há de notar, eu parti de forma um pouco intuitiva à medida que achei material, do particular para o universal, de São Paulo para o mundo enquanto que a minha ideia para o presente semestre é de partir do mundo para as cidades Brasileiras, a rede urbana, São Paulo, a RMPA e se possível a aglomeração urbana do Nordeste do Rio Grande do Sul, Caxias e adjacências ou o que vem começando a se chamar da macro-metrópole Porto Alegre-Caxias. Dando continuidade, o segundo texto nesta segunda parte do curso foi de autoria de Luiz César de Queiróz Ribeiro e co-autores intitulado Metrópoles Brasileiras: Diversificação, concentração e dispersão (Ribeiro et alii, 2011). Um dos critérios na escolha dos textos era que o/s mesmo/s totalizasse/m cerca de 35 páginas para que resultasse em uma carga de leitura que estudantes de segundo semestre de um curso de graduação pudessem dar conta/acompanhar.

O terceiro texto neste segundo bloco foi o texto de Georges Benko intitulado Mundialização da economia, metropolização do mundo (Benko, 2002) complementado pela palestra da prova didática do concurso para professora titular de Amália Inés Geraiges Lemos sobre A metropolização nos países do terceiro mundo (Lemos, 1999). O encontro seguinte nesta última parte do curso teve novamente dois textos, um ensaio da professora da University of Florida Josiani Macedo sobre problemas urbanos nas cidades Americanas e como o desenvolvimento das cidades Brasileiras está repetindo alguns erros perpetuados na trajetória do desenvolvimento urbano Estadunidense (Macedo, 2011) e um segundo texto sobre como o desenvolvimento da Região Metropolitana de Curitiba é diferente do da cidade-pólo assim como falta uma integração

do planejamento a nível metropolitano naquela região, de autoria do professor da Universidade Federal do ABC Jeroen Klink (Klink, 2010).

No último encontro tratamos das escalas nacional e regional ao mesmo tempo com um texto em Espanhol de um grande estudioso Argentino sobre desenvolvimento regional focando nas variedades de capitalismo e sua relação com a melhoria da situação das regiões a partir de uma perspectiva periférica empregando-se de forma integrada as abordagens da teoria do sistema-mundo e da teoria da dependência (Fernández, 2011). Para os alunos que tinham dificuldade de ler em Espanhol foi dada a opção de lerem e resenharem dois textos em Português que totalizavam 35 páginas (Théry & Mello, 2012; Ojima, 2011). Fazendo uma análise crítica da trajetória do desenvolvimento desta disciplina de Práticas Sociais na Arquitetura e no Urbanismo sob minha responsabilidade nestes quase dez anos, creio que a disciplina avançou muito, deslocando-se de um foco a meu ver equivocado em projeto de habitação popular em uma disciplina teórica para dar uma formação multi-escalar explicativa da formação do espaço e desenvolvimento urbano e regional no nível da cidade até níveis mais complexos como áreas mais extensas como a região e o próprio Estado-nação, se aproximando em alguns momentos da economia através da geografia.

7. Desenvolvendo uma consciência crítica

Em resumo, não se trata apenas de ensinar metodologia de desenho urbano nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo mesmo porquê a ementa não trata disso no caso específico da disciplina de PSAU, mas de fazer com que o estudante entenda e explique o desenvolvimento sócio-espacial, ideia central de ABCDU, entenda e se solidarize com a justiça sócio-espacial, ideia central das aulas de contextualização, e tenha inclusive elementos para transformar o espaço, o bairro, a cidade e o mundo através da participação política. Há que se mencionar aqui que nem tudo são flores neste jardim. É preciso implementar mecanismos de controle do uso da lei do menor esforço por parte dos estudantes. Por exemplo, as aulas começam muito cedo, às 7:30 da manhã, e muitas vezes, sobretudo quanto mais o curso avança, aumenta o número de estudantes que chegam atrasados e não respondem à primeira chamada que é feita cerca de 7:45 am. Isto ocorre em parte porque eles sabem que não há punição para este comportamento. Outro fato é que pelo sistema da UFRGS os estudantes têm o direito de faltar até 25% das aulas sem reprovação. Têm direito, o que não significa que devam faltar. Sabedores disto, alguns estudantes vêm apenas para o número mínimo de aulas necessário para a aprovação, 75%. Ora, isto em um curso de 18 encontros significa que para ser aprovado, o estudante precisa apenas comparecer a 14 encontros; excetuando-se a aula inicial de introdução caso eles estejam presentes, sobram apenas 13 aulas de verdade de discussão e debate em 17, o que significa 76,47% da carga horária. Minha ideia é dar uma corrigida nisto implementando um sistema através do qual a nota seja mediada pela presença. Ou seja, apenas tira A, que equivale

a entre 90 e 100% de rendimento, quem tiver 100% de rendimento e pelo menos 90% de presença ou vice-versa ou uma combinação que resulte em 90% como média. Quem tiver 100% de rendimento e 75% de presença ficará com um B que é a nota de 75 a 89% de aproveitamento.

Outra medida a ser implementada é com relação à pontualidade na entrega das resenhas. Sabedores que têm até o fim do semestre para entregar as resenhas e que talvez sobre mais tempo no fim do semestre para fazê-las, os estudantes postergam as leituras e as resenhas e chegam nas aulas sem terem lido o material e sem terem condições de participar do debate com conhecimento de causa posto que lhes falta o conteúdo das leituras, no máximo alguma experiência em algum assunto, a inteligência e a imaginação permitem uma opinião ou outra, mas no geral a discussão fica empobrecida. Fortalece-se a aula-palestra do professor apenas, a *lecture* dos Anglo-Saxões que é desaconselhada pelos especialistas de pedagogia que preconizam o *active-learning* (aprendizagem-ativa/aprender fazendo), como seria o caso com uma leitura para discussão, ou a produção de um momento de *significant learning* (aprendizagem significativa) usando-se o mesmo método (McKeachie, 2002: 187-195; Fink, 2003). A solução que considero é de dar nota A apenas às resenhas individuais entregues em dia, aquelas entregues na semana seguinte levam B e depois de duas semanas C. Isto talvez modifique o comportamento dos estudantes com relação ao desempenho neste item e melhore o nível e participação no debate.

8. Ensinando teorias do espaço sideral...!

A disciplina de TEU-Teorias sobre o Espaço Urbano (que os alunos costumavam jocosamente chamar de teorias do espaço sideral), disciplina que na ordem normal do curso deve ser oferecida no quinto semestre e é pré-requisito para a disciplina de Urbanismo 01, é a primeira disciplina de desenho urbano do curso, sendo na verdade uma cadeira de paisagismo. Observa-se segundo a ementa que a disciplina deve tratar de “estudos dos marcos conceituais e abordagem metodológica do espaço urbano, segundo o ponto de vista de diferentes disciplinas. Teorias descritivas, interpretativas e propositivas da organização espacial. Ensaio projetual articulando as distintas teorias”. Esta disciplina tem como pré-requisito ARQ02001, que é justamente Práticas Sociais na Arquitetura e no Urbanismo, oferecida atualmente no segundo semestre, e que por sugestão minha na reforma curricular passará a ser oferecida no primeiro semestre. Minha intenção é de que os estudantes sejam introduzidos à questão urbana desde o início do curso. Como vimos esta sugestão foi aprovada o que me deixou muito feliz.

Já a disciplina de Urbanismo 01 do qual Teorias é pré-requisito deve tratar de “Arquitetura paisagística: conceituação teórica e elaboração de propostas com vistas aos conhecimentos básicos necessários à intervenção no espaço aberto de uso da comunidade: ecologia. Espaço urbano: paisagem urbana, diagnose do espaço urbano, espaços abertos e espaços fechados, categorias dos espaços abertos, equipamento comunitário, espaços especiais. Evolução do

espaço aberto e espaço verde. Recreação, lazer e patrimônio cultural. Estudo plástico da vegetação.” Ou seja, em um certo sentido Teorias deverias dar algum subsídio teórico para estes conteúdos. Como se depreende da ementa, a mesma não trata de metodologia de desenho urbano ou mesmo metodologia de paisagismo. Sendo assim, já que a disciplina não trata necessariamente de metodologia de desenho urbano e é pré-requisito para a primeira disciplina de desenho urbano (Urbanismo 01), que é pré-requisito para a segunda disciplina de desenho urbano (Urbanismo 02, a qual trata de loteamentos residenciais), que por sua vez é pré-requisito para a disciplina de Urbanismo 03 (planejamento de pequenas cidades a partir do zero ou partes de cidades em algumas turmas) que também é pré-requisito para a última disciplina de desenho urbano que é Urbanismo 04 (desenho urbano de bairros); resolvi criar um módulo sobre metodologia do desenho urbano no início da disciplina de TEU.

Da mesma forma que em Práticas Sociais, quando comecei a lecionar esta disciplina foi junto com o professor da Turma A e a forma de ministrá-la me parecia totalmente desvirtuada de seus objetivos. Partia-se de uma leitura de uma cidade fictícia de Érico Veríssimo, Santa Fé, e se fazia uma simulação de como esta cidade iria se desenvolver chegando-se até a fase de maquete. Com a minha entrada na disciplina passou-se também a fazer trabalhos teóricos sobre algum tema urbano. Após algumas aulas minhas sobre como fazer um trabalho interdisciplinar sobre a cidade, os estudantes escolhiam um tema e faziam um pequeno texto sobre o assunto. Eram feitos trabalhos em equipe e haviam prazos para os estudantes entregarem o tema, bibliografia e texto. Houve um pequeno problema de plágio com alguns estudantes copiando textos da internet. Em semestres posteriores o trabalho sobre Santa Fé foi substituído por simulações baseadas na leitura das Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino (Calvino, 2003). Tais simulações levavam a maquetes sobre cidades imaginárias o que era tema de grande curtidão/prazer por parte dos estudantes mas a meu ver não tem nada a ver com a ementa da disciplina como já transcrita, mais um exercício de demagogia arquitetônico-urbanística... Insatisfeito com a condução da disciplina e tendo eu feito críticas e tentado modificar seu andamento, apesar de ter grande respeito e bom relacionamento pessoal com o colega que conduz a Turma A do referido curso, terminamos por dividir as turmas a exemplo do que foi feito com a disciplina de Práticas.

9. Do espaço sideral às geografias pós-modernas e outros textos

Com a separação das turmas resolvi adotar o sistema que vinha adotando em Práticas Sociais, leitura obrigatória de textos, resenhas e provas. Na primeira versão da disciplina lemos e discutimos Geografia Pós-Modernas de Ed Soja (Soja, 1989 [1993]), seguido por Mudar a Cidade de Marcelo Lopes de Souza (Souza, 2001 [2003]). Numa segunda versão do curso substituí Geografia Pós-Modernas por Teorias sobre a Cidade de Marcella delle Donne (delle Donne, 1979), depois em outro semestre por Geografia Urbana de Jaqueline Beaujeu-Garnier (Beaujeu-Garnier, 1983), e posteriormente por A natureza do espaço de Milton Santos (Santos, 1999) sendo

que a partir deste semestre não mais utilizei Mudar a Cidade inteiro, utilizei apenas partes e passei a utilizar vários outros textos através de seminários. Inclusive a partir deste semestre em que utilizei A natureza do espaço como texto inicial obrigatório foi que introduzi o módulo sobre metodologia do desenho urbano.

Existe uma peculiaridade em se promover um módulo sobre metodologia do desenho urbano. É que metodologia do desenho urbano é um campo de conhecimento em construção e não existe uma “receita de bolo” sobre como se fazer um bom desenho urbano. Os textos sobre o assunto tangenciam-no sem ir direto ao ponto, coisa que aliás acontece também com os textos sobre teoria/metodologia do projeto arquitetônico, pelo menos foi a conclusão a que chegou uma dissertação recente sobre o tema em nosso programa de pós-graduação em Arquitetura-PROPAR (Maciel, 2009), segundo me informou em uma conversa informal seu orientador Prof. Rogério de Castro Oliveira, a quem agradeço a informação. Além do mais, boa parte da literatura não está ou não estava disponível em Português há até bem pouco tempo (Alexander, 1964, 1976, 1977, 1978, 1980, 1981, 1987, 1997abc; Salingeros, 2005, 2008; Trancik, 1986). Na fase atual do curso temos então 36 encontros quando não tem feriados nos dias de aula posto que são dois encontros por semana em 19 semanas de aulas mas tem a semana acadêmica onde não tem aulas. Temos então uma aula de introdução, uma aula sobre a sequência dos cursos de desenho urbano e o que acontece em cada curso destes e sua relação com a cadeira de Teorias assim como uma aula especificamente sobre um roteiro de projeto de desenho urbano. Nesta aula junto com os alunos procuro traçar uma metodologia do desenho urbano através do bom senso.

10. Desenvolvendo uma metodologia própria

Tudo começa com a pergunta: Qual a primeira coisa que você faria se fosse contratado para fazer um projeto de desenho urbano em um determinado lugar, seja um grande terreno ou uma cidade nova? Quais as primeiras coisas a serem observadas? Juntos discutindo chegamos à conclusão que a primeira coisa a fazer é observar a localização do sítio, com seus respectivos regime de ventos, relevo, recursos naturais, vegetação, edifícios pré-existentes, usos do solo, malha urbana, fluxos de pessoas, veículos e mercadorias, população e equipamentos urbanos, dimensão do terreno e orientação. Outro elemento a ser levado em consideração é o entorno, onde tudo isso vai ser novamente considerado. Um terceiro elemento a ser considerado seria o público, cliente ou usuário, ou seja, para quem o projeto será destinado. Isto levará ao programa de necessidades, o qual em alguns casos é de certa forma “inventado”, criado em função de um público imaginado. Mais um elemento a ser levado em consideração é a legislação, as áreas de muitas cidades existentes já estão sujeitas a uma legislação, seja um plano diretor, seja um código de obras e a legislação de cidades a serem criadas serão também igualmente criadas. Uma legislação implica em usos permitidos, proibidos e tolerados, regras para remembramentos e

desmembramentos, taxas de ocupação (quanto de um terreno pode se ocupar), índices de utilização (quantas vezes se pode construir o equivalente à área de um terreno), recuos frontais, laterais e de fundos; e gabaritos de altura.

Dois outros elementos a serem levados em consideração na metodologia de um projeto de desenho urbano são o orçamento e a mão de obra, o que por sua vez está relacionado a uma certa tecnologia. Dependendo do lugar em que o projeto for ser executado, uma certa tecnologia e uma certa mão de obra poderão ser empregadas. De posse destas informações deve o urbanista passar para a fase de estruturação de uma equipe de trabalho, convidando e/ou contratando outros profissionais para formar uma equipe interdisciplinar tais como arquitetos, urbanistas, engenheiros, paisagistas, botânicos, dependendo do caso também geógrafos, sociólogos e antropólogos. De posse dos dados, formada a equipe, pode o urbanista passar para o zoneamento, dividir a área nas zonas mais adequadas para as diversas funções, usos e edifícios, e daí partir para um plano de massas, onde a forma geral dos diversos edifícios começa a ser delineada o que por sua vez leva a um dimensionamento dos mesmos e pode levar conseqüentemente a um loteamento quando for o caso. Neste caso a legislação para o loteamento deve ser definida.

Alcançada esta fase, passa-se à fase da arquitetura propriamente dita com o projeto dos equipamentos e edifícios e o traçado do sistema viário, o que deve ser seguido do agenciamento, ou seja, o traçado dos acessos, passeios e lugares de permanência nos espaços abertos. Traçados os acessos, passeios e lugares de permanência deve-se estabelecer o mobiliário urbano: postes, bancos, chafarizes, brinquedos, etc. Ao mesmo tempo deve-se também especificar a vegetação: árvores, arbustos, outras plantas e gramíneas, lembrando-se que plantas têm folhas, troncos e raízes; folhas têm cores e cheiros, algumas plantas tem flores e frutos, flores têm cheiros e frutos têm cheiros e gostos. Certos frutos atraem certos animais, o que quer dizer que o urbanista e/ou paisagista ao especificar a flora de certa forma também especifica uma certa fauna, o que pode ser um recurso paisagístico interessante de contemplação e observação sobretudo para crianças. Raízes, copas, troncos, folhas, frutos, flores e cores, tudo isso são recursos paisagísticos de composição nas mãos do urbanista. Tudo isso é discutido com os alunos nesta aula meio intuitiva sobre metodologia do desenho urbano.

11. Da dialética à diversificação textual

Dadas estas três aulas iniciais passa-se ao conteúdo do curso propriamente dito com uma aula sobre método dialético baseado no livro *O que é dialética* de Leandro Konder (Konder, 1981). O objetivo desta aula é desenvolver o pensamento crítico para a leitura e apresentação dos textos que serão apresentados pelos alunos em seminários. Depois da aula sobre pensamento dialético começam as aulas de contextualização sobre o que é teoria, geografia urbana, geografia, espaço,

geografia crítica, as ideias de Henri Lefebvre, perspectiva global, a influência da economia, tecnologia, sociedade, cultura, meio ambiente, demografia e meio ambiente na produção do espaço e ciclos de Kondratieff. São temas semelhantes aos das aulas de contextualização de Práticas Sociais, mas dados de forma mais profunda posto que os alunos se encontram em nível mais avançado no curso já que estão no quinto semestre, muitos alunos não cursaram PSAU comigo, alguns cursaram mas não se lembram mais do conteúdo, e mesmo os que se lembram vagamente não são os mesmos pois da mesma forma que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio posto que nem as águas nem as pessoas são mais as mesmas, os alunos também não são mais os mesmos pois se encontram mais maduros.

Tendo chegado em ciclos de Kondratieff onde se vê claramente a relação entre economia e produção do espaço em sua várias escalas, considero que os alunos já estão prontos para começarmos os seminários. Nas versões iniciais desta disciplina haviam seminários e provas mas no decorrer do desenvolvimento da mesma aboli as provas e aumentei o numero de páginas de texto dos seminários, hoje são 120 por semestre. Há que se fazer uma ou mais apresentações de trabalho/s totalizando 120 páginas de texto/s. Inicialmente eu escolhia todos os textos, mas recentemente nos dois últimos semestres eu escolhi alguns textos obrigatórios e deixei que os estudantes escolhessem outros textos de seu interesse e eu os aprovasse e no/s próximo/s semestres estou pensando em voltar para textos obrigatórios posto que alguns dos textos escolhidos pelos estudantes mesmo tendo sido aprovados por mim não tem dado muitos bons resultados.

O módulo inicial obrigatório é constituído sobretudo por textos sobre metodologia do desenho urbano como o livro de Vicente Del Rio Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento (Del Rio, 1990), A cidade como um jogo de cartas de Carlos Nelson Ferreira dos Santos (Santos, 1988), o livro da nossa colega hoje aposentada Iára Regina Castello, Bairros, loteamentos e condomínios: Elementos para o projeto de novos territórios habitacionais (Castello, 2008), o livro recente de Jaime Lerner Acupuntura urbana (Lerner, 2003) e no semestre vindouro considero utilizar um livro que li ainda na graduação quando comecei a estudar planejamento urbano no que era na UFPE onde me graduei a disciplina de P6- Planejamento Arquitetônico 06, que na verdade era uma disciplina de planejamento urbano: O livro de Francisco Whitaker Ferreira, Planejamento sim e não (Ferreira, 1978 [1982]).

A partir daí coloco ainda como bibliografia obrigatória a ser apresentada em seminário um artigo de Clélio Campolina Diniz sobre reestruturação produtiva e seus impactos espaciais (Campolina, 2000), para dar uma visão geral sobre desenvolvimento regional, e começo a discussão sobre desenvolvimento urbano em cidades específicas começando com um trabalho mais geral sobre o que está acontecendo com as regiões metropolitanas mais importantes da América Latina (Mattos, 2004), sigo com o trabalho de Regina Meyer, Ciro Biderman e Marta Dora Grostein sobre a metrópole de São Paulo (Meyer, Biderman & Grostein, 2004), e continuo com alguns trabalhos de Luiz César de Queiroz Ribeiro e Luciana Corrêa do Lago sobre o Rio de

Janeiro (Ribeiro, 2000; Lago, 2000). Em alguns semestres onde permito trabalhos a serem escolhidos pelos próprios alunos, eles escolhem trabalhos de uma pasta que existe da disciplina com vários textos. A partir destas escolhas e/ou das escolhas de outro/s texto/s de fora da pasta, da própria biblioteca ou dos próprios alunos, se estabelece um cronograma onde a lógica é se partir de temas abstratos para os mais concretos e de cidades e regiões fora do Brasil e da América Latina para a América Latina, Brasil, Sudeste, Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, RMPA, Porto Alegre, Caxias do Sul (Breitbach, 1997, 2002) e cidades menores do Rio Grande do Sul.

Utilizando esta metodologia já discutimos textos como Planificación estratégica de ciudades de José Miguel Fernandez Güell (Güell, 1997), Planejamento ambiental para a cidade sustentável de Maria de Assunção Ribeiro Franco (Franco, 2001), Desigualdades sociais e espaciais no Brasil de Pedro de Almeida Vasconcelos (Vasconcelos, 1990), Considerações sobre as escalas espaciais de análise da indústria no Brasil de Olga Castreghini de Freitas Firkowski (Firkowski, 2005), A industrialização Brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais de Philip Gunn e Telma de Barros Correia (Gunn & Correia, 2005), Reestruturação urbana da metrópole Paulistana: A zona Leste como território de rupturas e permanências de Raquel Rolnik e Heitor Frúgoli Jr. (Rolnik & Frúgoli Jr., 2001), e outros textos que são encontrados nas referências abaixo. Como amplamente documentado, a disciplina evoluiu muito e de simulações sobre cidades imaginárias creio que consegui desenvolver uma consciência crítica no estudante para entender, explicar e transformar o espaço em suas várias escalas.

12. Conclusões

O artigo identificou como eram ministradas as disciplinas de Práticas Sociais na Arquitetura e no Urbanismo e Teorias sobre o Espaço Urbano no curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos últimos dez anos. Observou-se que de propostas de ensino equivocadas que desvirtuavam as ementas se caminhou em direção à introdução de textos realmente teóricos, objetivo das disciplinas, ensinando-se não apenas metodologia do desenho urbano, tema cabível, mas também se avançando em direção à relação dialética entre fatores globais (economia, sociedade, cultura, política, demografia, tecnologia, meio ambiente) e produção do espaço (Paccione, 2001). Isto foi explanado no contexto da geografia histórica do capitalismo e de suas crises através dos ciclos de Kondratieff (Berry, 1991), permitindo ao estudante compreender o processo histórico-geográfico de produção do espaço, cidade e região, assim como a possibilidade de sua transformação através da prática política, em um movimento de constituição da cidadania.

Referências

- ALEXANDER, Christopher W. "Notes on the Synthesis of Form", In: **Theories and Manifestos of Contemporary Architecture**, Chichester: Academy, 1997a, p. 220-223.
- ALEXANDER, Christopher W. "The Timeless Way of Building", In: **Theories and Manifestos of Contemporary Architecture**, Chichester: Academy, 1997b, p. 80-83.
- ALEXANDER, Christopher W. "A City is Not a Tree", In: **Theories and Manifestos of Contemporary Architecture**, Chichester: Academy, 1997c, p. 30-32.
- ALEXANDER, Christopher W. **A New Theory of Urban Design**, New York: Oxford University Press, 1987.
- ALEXANDER, Christopher W. **El modo intemporal de construir**, Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- ALEXANDER, Christopher W. **Tres aspectos de matemática y diseño y la estructura del medio ambiente**, Barcelona: Tusquets, 1980.
- ALEXANDER, Christopher W. **Urbanismo y participación: El caso de la Universidad de Oregon**, Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
- ALEXANDER, Christopher W. **A Pattern Language: Towns, Buildings, Constructions**, New York: Oxford University Press, 1977.
- ALEXANDER, Christopher W. **Ensayo sobre la síntesis de La forma**, Buenos Aires: Infinito, 1976, 4ª. ed.
- ALEXANDER, Christopher W. **Notes on the Synthesis of Form**, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1964.
- ALONSON, José Antônio. "Gênese e evolução da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)", **Texto para discussão FEE**, 29, abril de 2008.
- ANDERSON, Lorin W. **Classroom Assessment: Enhancing the Quality of Teacher Decision Making**, Mahwah, NJ & London, UK: Lawrence Erlbaum, 2003.
- ANGELO, Thomas A.; CROSS, K. Patricia. **Classroom Assessment Techniques: A Handbook for College Teachers**, San Francisco: Jossey-Bass/Wiley, 1993, 11th Ed.
- BENKO, Georges. "Mundialização da economia, metropolização do mundo", **Revista do Departamento de Geografia da USP**, n. 15, p. 45-54, 2002.
- BERRY, Brian J. L. **Long-Wave Rhythms in Economic Development and Political Behavior**, Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1991.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia urbana**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1983.
- BREITBACH, Áurea C. M. "Mudanças tecnológicas e efeitos territoriais: A região de Caxias do Sul como objeto de estudo", **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 1997.
- BREITBACH, Áurea C. M. "Sobre o desenvolvimento da região de Caxias do Sul", **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. especial, p. 421-442, 2002.
- BONDUKI, Nabil. **Da reforma à sustentabilidade urbana: Por um novo modelo de desenvolvimento para São Paulo**, 2011a, disponível em <http://www.nabil.org.br/wp-content/uploads/2012/09/uma-agenda-de-sustentabilidade-para-S%C3%A3o-Paulo-no-seculo-XXI-Artigo-Nabil-Bonduki.pdf> acesso em 05/08/2013.
- BONDUKI, Nabil. "O modelo de desenvolvimento urbano de São Paulo precisa ser revertido", **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 25, no. 71, p. 23-36, 2011b.
- CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARRION, Otília Beatriz Kroeff. "Mercado imobiliário e padrão periférico de moradia: Porto Alegre e sua Região Metropolitana", **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 225-250, 1989.
- CARRION, Otília Beatriz Kroeff; SCUSSEL, Maria Conceição Barietta. "Condições de moradia na Região Metropolitana de Porto Alegre", **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 263-280, 2000.
- CASTELLO, Iára Regina. **Bairros, loteamentos e condomínios: Elementos para o projeto de novos territórios habitacionais**, Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- COPSTEIN, Gisela. "Porto Alegre em busca de um modelo de estrutura urbana", **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 7, 1979, p. 3-9.

- COPSTEIN, Gisela. "O centro de comércio e serviços de Porto Alegre", **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 10-11, p. 33-52, 1983.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**, São Paulo: Pini, 1990.
- DELLE DONNE, Marcella. **Teorias sobre a cidade**, São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- DINIZ, Clélio Campolina. "Impactos territoriais da reestruturação produtiva", In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (Org.). **O futuro das metrópoles: Desigualdades e governabilidade**, Rio de Janeiro: Revan, 2000, p. 21-58.
- FEDOZZI, Luciano. Esfera pública e cidadania: A experiência do Orçamento Participativo de Porto Alegre", **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 236-271, 1998.
- FERNANDÉZ, Victor Ramiro. "Ideas y políticas del desarrollo regional bajo variedades de capitalismo: Contribuciones desde la periferia", **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 120, p. 57-99, jan-jun. 2011.
- FERREIRA, Francisco Whitaker. **Planejamento sim e não**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, 3ª. ed, 1982.
- FINK, L. Dee. **Creating Significant Learning Experiences: An Integrated Approach to Designing College Courses**, San Francisco: Jossey-Bass/Wiley, 2003 (The Jossey-Bass Higher and Adult Education Series).
- FIRKOWISKI, Olga Lúcia Castreghini de Freitas. "Considerações sobre as escalas espaciais de análise da indústria no Brasil", **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, n. 2, 2005, p. 67-78.
- FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável**, São Paulo: Annablume-Edifurb, 2001, 2ª ed.
- GOTTMANN, Jean. **Megalopolis Revisited: 25 Years Later**, College Park, MD: The University of Maryland Institute for Urban Studies, 1987.
- GÜELL, José Miguel Fernandez. **Planificación estratégica de ciudades**, Barcelona: Gustavo Gilli, 1997.
- GUNN, Philip, CORREIA, Telma de Barros. "A industrialização Brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais", **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, vol. 7, n. 1, p. 17-52, maio 2005.
- HALL, Peter. **Cidades do amanhã: Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX**, São Paulo: Perspectiva, 2011, 2ª. ed., ed. original inglesa 1988.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**, São Paulo: Loyola, 1992, ed. original inglesa 1989.
- HALL, Peter. **Cities in Civilization: Culture, Innovation and Urban Order**, London: Phoenix, 1999.
- KONDER. Leandro. **O que é Dialética?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KLINK, Jeroen. "Reestruturação, competição e neolocalismo: Um olhar crítico sobre a produção do espaço na grande Curitiba". **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 119, p. 17-40, jul-dez. 2010.
- LAGO, Luciana Corrêa do. "O que há de novo na clássica núcleo-periferia: A metrópole do Rio de Janeiro", In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (Org.). **O futuro das metrópoles: Desigualdades e governabilidade**, Rio de Janeiro: Revan, 2000, p. 207-228.
- LEMOS, Amália Inés Geraiges de. "A metropolização nos países do terceiro mundo", **Revista do Departamento de Geografia da USP**, São Paulo, n. 13, p. 7-36, 1999.
- LENCIONI, Sandra. "Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: A região da metrópole desconcentrada", **Espaço & Debates**, São Paulo, v. 14, n. 38, p. 54-61, 1994.
- LENCIONI, Sandra. "As metamorfoses de São Paulo". **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 120, p. 133-148, jan-jun. 2011.
- LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**, Rio de Janeiro: Record, 2003.
- LIPIETZ, Alain; LEBORGNE, Danièle. "O pós-fordismo e seu espaço", **Espaço & Debates**, São Paulo, v. 8, n. 25, p. 45-57, 1988.
- MACEDO, Joseli. "A (in)sustentabilidade do desenvolvimento urbano nos Estados Unidos: O que as Cidades Brasileiras podem aprender com as Americanas". **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 120, p. 277-296, jan-jun. 2011.

- MACIEL, Angela Becker. **Introdução ao ensino do projeto arquitetônico: Paradigma e reducionismos**, Porto Alegre: Tese de Doutorado, PROPAR-UFRGS, 2009.
- MAMMARELLA, Rosetta. “Evolução e perfil populacional da população residente nos aglomerados subnormais, na Região Metropolitana de Porto Alegre – 1991-00”, **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 153-172, dez. 2006.
- MAMMARELLA, Rosetta. “Economia e transformações no espaço metropolitano: Transformações recentes de Porto Alegre”, In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (Org.). **O futuro das metrópoles: Desigualdades e governabilidade**, Rio de Janeiro: Revan, 2000, p. 151-175.
- MARICATO, Hermínia. “Metrópole de São Paulo, entre o arcaico e a pós-modernidade”, In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (Org.). **Metrópole e globalização: Conhecendo a Cidade de São Paulo**, São Paulo: CEDESP, 1999, p. 140-150.
- MCKEACHIE, Wilbert J. **McKeachie’s Teaching Tips: Strategies, Research, and Theory for College and University Teachers**, Boston & New York: Houghton & Mufflyn, 2002, 11th ed.
- MEYER, Regina Maria Prósperi; BIDERMAN, Ciro, GROSTEIN, Marta Dora. **São Paulo metrópole**, São Paulo: EDUSP, 2004.
- MOURA, Rosa; BRANCO, Maria Luisa Gomes Castello; FIRKOWISKI, Olga Lúcia C. de Freitas. “Movimento Pendular e Perspectivas de Pesquisas em Aglomerados Urbanos”. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 121-133, out-dez. 2005.
- OJIMA, Ricardo. “Fronteiras metropolitanas: Um olhar a partir dos movimentos pendulares”. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 121, p. 115-132, jul-dez. 2011.
- PACIONE, Michael. **Urban Geography: A Global Perspective**, London & New York: Routledge, 2001.
- PEET, Richard. **Modern Geographical Thought**, Oxford: Blackwell, 1998.
- REGIONAL PLAN ASSOCIATION OF NY – NJ- CT. **Northeast Megaregion 2050: A Common Future**, November 2050, disponível em http://www.rpa.org/pdf/Northeast_Report_sm.pdf. Acessado em 05/08/2013.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz.. “Cidade desigual ou cidade partida? Tendências da metrópole do Rio de Janeiro”, In: **O futuro das cidades**, Rio de Janeiro: FASE, 2000, p. 63-98.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (Org.). **O futuro das metrópoles: Desigualdades e governabilidade**, Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; SILVA, Érica Tavares da; RODRIGUES, Juciano Martins. “Metrópoles Brasileiras: Diversificação, concentração e dispersão”, **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 120, p. 177-207, jan-jun. 2011.
- ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI Jr., Heitor. “Reestruturação urbana da metrópole Paulistana: A Zona Leste como território de rupturas e permanências”, **Cadernos Metrôpoles**, no. 6, p. 55-83, 2º semestre de 2001.
- SALÍNGAROS, Nikos A; COWARD, Andrew L.; WEST, Bruce J; BILSEN, Arthur van. **Principles of Urban Structure**, Amsterdam: Techne, 2005.
- SALÍNGAROS, Nikos A; MEHAFFY, Michael. **A Theory of Architecture**, Solingen: Umbau-Verlag, 2008.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A cidade como um jogo de cartas**, São Paulo: Projeto, 1988.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**, São Paulo: Hucitec, 1999.
- SILVA, Elizabeth Bortolaia. “Pós-fordismo no Brasil”, **Revista de Economia Política**, v. 14. n. 3, p. 107-120, jul-set. 1994.
- SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, ed. Original americana 1989.
- SOLEM, Michael; FOOTE, Keneth; MONK, Janice (Eds.). **Aspiring Academics: A Resource Book for Graduate Students and Early Career Faculty**, Upper Saddle River, NJ: Pearson-Prentice Hall & Association of American Geographers, 2009.
- SOLEM, Michael; FOOTE, Keneth (Eds.). **Teaching College Geography: A Practical Guide for Graduate Students and Early Career Faculty**, Upper Saddle River, NJ: Pearson-Prentice Hall & Association of American Geographers, 2009.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano: Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles Brasileiras**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, 2ª. ed., 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 2ª. ed., 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A prisão e a ágora: Reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: O medo generalizado e a militarização da questão urbana**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TASCHNER, Suzana Pasternak; BÓGUS, Lucia M. M. "A cidade dos anéis: São Paulo", In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (Org.). **O futuro das metrópoles: Desigualdades e governabilidade**, Rio de Janeiro: Revan, 2000, p. 247-284.

THÉRY, Hervé; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. "Disparidades e dinâmicas territoriais no Brasil", **Revista do Departamento de Geografia da USP**, São Paulo, v. especial 30 anos, p. 68-91, 2012.

TRANCIK, Roger. **Finding Lost Space: Theories of Urban Design**, New York: Vnr, 1986.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. "Desigualdades sociais e espaciais no Brasil", **Espaço & Debates**, São Paulo, vol. 10. n. 31, p. 82-93, 1990.